

# AS "DESAPRENDIZAGENS" DO PROFESSOR

*Júlio César Furtado dos Santos*

Pedagogo, Psicólogo,

Diplomado em Psicopedagogia pela Universidade de Havana, Cuba

Mestre em Educação pela UFRJ

Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Havana.

Pró-reitor Acadêmico da UNIABEU-RJ

O presente artigo pretende fazer uma reflexão a respeito da prática docente, a partir do discurso da mudança versus a prática da continuidade. Partindo de uma rápida descrição sobre o contexto do processo de aprender ao longo do tempo, faz-se um relato dos principais comportamentos que dificultam uma prática real do "aprender a aprender" e, por isso, precisam ser "desaprendidos" pelo professor.

*The present article intends to be a reflection about the teachers' practice, from the speech of the changing versus the practice of maintenance. Beginning from a brief description about the learning context process throughout history, it relates the main behaviours that makes difficult a real "learning how to learn practice". Because of this, these behaviours must be "unlearned" by the teachers.*

Aprender, segundo o dicionário, significa ficar sabendo, reter na memória, tomar conhecimento de alguma coisa. Ao longo do tempo, porém, o sentido contextual da ação de aprender sofreu mudanças ideológicas e conceituais.

Na Antiguidade clássica, o sentido reinante da aprendizagem tinha caráter espiritual, moral e filosófico. Aprendiam-se lições transcendentais, com o intuito de se adquirir a genuína essência do ser. Os mestres de então narravam histórias e experiências, que traziam material para a profunda reflexão do senso de existir. A Aprendizagem visava à construção de um homem pleno.

Na Idade Média, a aprendizagem vestiu-se de um caráter clássico e religioso. Na "era das sombras", aprender era apreender as verdades culturais clássicas, revestidas por seus significados religiosos. Foi uma época em que a aprendizagem conviveu com dogmas e mistérios.

Na Idade Moderna, com o advento do conhecimento científico, a aprendizagem incorporou um sentido científico. Com o surgimento do método científico, o mundo tinha que ser desvendado, descoberto, explicado. Aprender passou a ser "saber explicar" o mundo a nossa volta.

Na Idade Contemporânea, o sentido reinante da aprendizagem vem atravessando diversas dimensões. A aprendizagem científica da Idade Moderna cedeu lugar a uma aprendizagem técnica, de caráter prático, não abandonando, porém o sentido científico. Tal

transformação se deu em função do advento da Revolução Industrial. Aprender, aí, era absorver conhecimentos técnicos. Era “saber como funciona”.

Na Segunda metade do século XX, o conceito de aprendizagem foi incorporado pela dimensão Psicológica. Aprender passou a ser modificar comportamento. O conteúdo aprendido, de alguma forma interage com a bagagem individual e resulta numa síntese própria. Surgiu, nesse época, a separação mente, corpo e espírito, expressa através da criação das expressões: aprendizagem cognitiva, psicomotora e afetiva. Tal conceito de aprendizagem ainda é bastante presente em nossas escolas.

Nas duas últimas décadas do século passado, surge a tentativa de voltarmos a integrar mente, corpo e espírito na chamada “aprendizagem holística”, que parte do princípio de que o homem é um todo inseparável e, somente como tal, consegue aprender.

Paralelamente ao conceito holístico, surge o sentido de Aprendizagem instrumental. Aprender a aprender se tornou a mais rápida e prática definição de aprendizagem. O século XXI traz consigo a necessidade do homem possuir muito mais instrumentos que o possibilitem uma intensa reconfiguração do que informações estáticas, que o rotulem como academicamente culto.

Ao longo dos tempos, a escola procurou se estruturar de acordo com o conceito de aprendizagem. Tal estruturação, no entanto, foi muito mais teórica do que prática. Podemos afirmar que o modelo da escola voltada para uma aprendizagem científico-cultural perdura até hoje. Contraditoriamente, encontramos na antigüidade, um modelo de escola bem mais próximo do discurso do século XXI.

O modelo comportamental de aprendizagem ainda é reinante e continua trazendo consigo uma filosofia bastante nociva ao pensamento pós-contemporâneo: o aluno não sabe nada. O professor sabe tudo. O professor ensina e o aluno aprende. O aluno é preenchido pelo conhecimento do professor. Aprender é um movimento de fora para dentro do indivíduo. Aprender não envolve esforço ativo e criativo por parte de quem aprende. O esforço é somente passivo e reprodutivo. A prática da imensa maioria das escolas nos leva, sem grandes esforços a essa constatação. Essa prática é alimentada e reforçada por uma sociedade que está no meio do caminho no percurso entre o discurso e a prática.

Estamos aprendendo novas lições sem desaprender lições velhas, que dificultam a prática real de um novo modelo. Desaprender exige quebrar paradigmas, quebrar lógicas, ousar, fazer diferente. A atitude cumulativa da escola, nesse sentido, impede de fato uma desaprendizagem saudável daquilo que não serve mais aos tempos atuais.

Romper o paradigma comportamental significa “desaprender” verdades que estão há muito sedimentadas nas almas educadoras e educandas. O modelo de pensamento que se

faz necessário nesse início de século é paradoxal: a permanente preparação para a mudança. Esse modelo exige preparação para quebra de lógicas, postura ousada e responsável, enfim, exige que se prepare o homem para uma constante postura de reconfiguração.

Uma espécie de contra-modelo que nos parece bastante possível é o modelo dialogal de aprendizagem, que prega, por assim dizer, a antítese do paradigma comportamental. Esse modelo traz consigo uma filosofia libertadora, na qual aprender é um movimento de dentro para fora, fruto da quebra de lógicas pré-existentes. Quem aprende precisa ter papel ativo e criativo. O professor auxilia o aluno em seu papel de aprender, desafiando, confirmando, incentivando seu movimento de construção e reconstrução de seu conhecimento. O modelo dialogal parte do pressuposto de que o aluno não é um ser vazio. Ele traz consigo toda uma gama de experiências e conhecimentos previamente construídos que devem ser respeitados e servir de ponto de partida para a construção de novos conhecimentos.

O termo dialogal, escolhido para denominar tal “contra-modelo”, se deve ao fato desse paradigma de aprendizagem ter o diálogo como sua base de ação. O diálogo, quase que totalmente ausente no modelo comportamental. A função do diálogo é fazermos real contato com o mundo do aluno. É identificarmos seus valores, crenças, necessidades, anseios, sonhos e lógicas. Somente a partir e através do diálogo, podemos estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem.

Voltemos, porém, à árdua tarefa de desaprender. O que diferencia o homem dos outros animais é a inteligência. No entanto, o que coloca o homem em movimento é a sua vontade. Administrar a vontade talvez seja a principal tarefa humana. A inteligência precisa estar aliada à vontade. Inteligência sem vontade é recurso estéril. Vontade sem inteligência é perigo de ação irresponsável. Aliar inteligência e vontade é tarefa básica de quem quer reconfigurar suas crenças e atitudes.

A aliança inteligência-vontade é, particularmente, importante no processo de aprendizagem-desaprendizagem-reaprendizagem de hábitos. Os hábitos se configuram como aprendizagens automatizadas e enraizadas em nosso cotidiano. Essas raízes, porém, alimentam-se de nossas mais profundas crenças. Vale dizer que a mudança verdadeira de hábitos fundamenta-se na mudança de nossas crenças, e, mudar crenças é tarefa que passa pelo constante autodesafio e autodeterminação.

As Desaprendizagens do professor:

As ações de nós professores em sala de aula baseiam-se, há séculos, em crenças fortemente sedimentadas. Essas crenças alimentam o que podemos chamar “hábitos de resistência” a uma mudança mais profunda em nosso fazer. Tal resistência nada mais é do que o sinal claro de que não sabemos outra forma de caminhar. Temos que desaprender.

As desaprendizagens de hábitos, há muitos séculos enraizados por parte do professor, passa, necessariamente, pela mudança das crenças limitantes que alimentam “tais raízes”. Observando-se a ação do professor em sala de aula percebe-se a necessidade urgente da desaprendizagem dos seguintes hábitos:

#### *Ensinar é falar*

- q *O hábito:* A linguagem oral sempre foi o principal meio de comunicação entre os homens. A oratória sempre foi o nosso principal meio de ensinar. Desde a Antigüidade, falar sempre foi a forma mais contemplada de ensinar.
- q *A crença:* O professor que melhor fala é o que melhor ensina. Ensinar talvez possa ser reduzido ao “bem falar”. Aprende-se, principalmente, através do ouvir. O que é ouvido não precisa, necessariamente, ser processado, mas “absorvido”, “gravado”. Todas as pessoas absorvem bem o que ouvem e todos têm a audição como canal preferencial de aprendizagem.
- q *A reaprendizagem:* Aprender, a partir da ação, do exemplo, é muito mais significativo do que aprender a partir do discurso. O que é ouvido precisa ser processado, refletido, sintetizado e ganhar sentido no contexto mental de quem ouve. As pessoas não ouvem as mesmas coisas. O que é ouvido é contaminado pela maneira de ver o mundo de cada um, que é fruto da história de vida. Nem todos elegem a audição como seu canal preferencial de aprendizagem. A maioria das pessoas é visual, ou seja, as imagens são essenciais para seu processo de aprender. Outras aprendem melhor através dos sentidos. Essas precisam experimentar para aprender.

#### *Professor fala e aluno ouve*

- q *O hábito:* Normalmente, a fala, em sala de aula se estabelece em via de mão única. O diálogo não é prática comum no processo de aprendizagem. Ficamos, às vezes, aborrecidos quando o aluno fala, na nossa hora de falar.

- q *A crença:* A aprendizagem é tão maior, quanto mais atenciosamente os alunos ouvem o que o professor fala. Tomar nota do que ouve aumenta a possibilidade de “aprender”. O silêncio favorece aprender a partir do que é ouvido. Só é possível aprender, quando quem ensina está em posição ativa (o que fala) e quem aprende está em posição passiva (o que ouve). Falas paralelas atrapalham o processo de aprendizagem. O aluno não tem nada a dizer a respeito do que está sendo falado.
- q *A reaprendizagem:* A aprendizagem não ocorre, necessariamente em relação direta com a passividade. O diálogo, a discussão, ao longo da exposição de temas, intensifica a aprendizagem. O aluno pode ter muito a dizer sobre o que está sendo exposto e esse conteúdo pode ser enriquecedor para o grupo, inclusive para o professor.

#### *Aprender é reproduzir*

- q *O hábito:* A reprodução do que foi ensinado é a demonstração de que houve aprendizagem. Propomos aos alunos muito mais atividades que privilegiam a reprodução do que foi ensinado do que a produção, a partir do que foi aprendido.
- q *A crença:* Aprender é reproduzir o que está pronto. Aprendizagem não é processo pessoal, que sofre adequação, reconfiguração. É, sim, processo mecanicista de apreender o mundo tal qual ele é e está, de forma homogênea. O conhecimento não é construído ou reconstruído, mas sim absorvido, apreendido.
- q *A reaprendizagem:* Aprender é processo produtivo, pessoal e reconfigurativo. A objetividade do conhecimento é um mito. Conhece-se de forma subjetiva, interativa e reconstrutiva. O mundo não pode ser apreendido de forma homogênea. A apreensão do mundo se dá a partir dos olhares que lançamos para ele. Esses olhares são temperados por nossas crenças, valores e expectativas.

#### *Errar é o contrário de acertar*

- q *O hábito:* Quando um aluno erra um exercício é porque ele não aprendeu. Apontamos o erro para que ele possa repetir até que “acerte”, ou seja, até que ele chegue à resposta esperada. Quando um aluno acerta freqüentemente significa boa aprendizagem. Somente o acerto deve ser

validado, pois somente quando acertamos, demonstramos que aprendemos.

- q *A crença:* Quando se aprende não se erra. Quando ocorre o erro é porque não houve aprendizagem. Somente acertos traduzem sucesso. Somente acertos são produtivos. O erro deve ser eliminado. O erro é sempre indesejável. O erro é inútil. É impossível acertar, errando. Erro e acerto são dimensão mutuamente excludentes. Erro é ausência de aprendizagem.
- q *A reaprendizagem:* Se aprender é processo predominantemente produtivo, a experimentação ganha imensa importância nesse ato. O ato de experimentar engloba naturalmente o erro. Fala-se aqui, do erro produtivo. Referimo-nos ao erro que possibilita aprendizagem. O erro que nos facilita achar o caminho do acerto. Logo, o erro pode, também, levar ao sucesso e ser produtivo. O erro é importante e parte integrante do processo de aprender e, de certa forma, é desejável para que o acerto seja construído. O acerto antecedido de erros se configura de maneira mais sedimentada e consistente. Erro e acerto são dimensões não excludentes do processo de aprender.

*Bom aluno é aluno obediente*

- q *O hábito:* Valorizamos excessivamente a obediência no processo de classificação do bom aluno. Parece-nos pré-requisito essencial do mesmo. Geralmente punimos o aluno que não “faz como dissemos pra ser feito”. Lançamos para este um olhar de reprovação e sentimo-nos ultrajados, desobedecidos, desrespeitados. A partir desse hábito, altamente comum na prática docente, proibimos o aluno de nos contradizer, complementar ou até mesmo desafiar. Rotulamos de “chato” o aluno que insiste em se comportar dessa forma “desobediente”.
- q *A crença:* A postura do aluno para com o professor deve ser sempre a de obediência. O aluno deve fazer, sem questionar, tudo o que o professor ordenar. Desobedecer é sinal de indolência, desacato. A verdade é exclusividade do professor, logo, o papel do aluno é sempre o de obedecer ao professor. Obedecer sempre ao professor leva o aluno a aprender mais e melhor. O aluno é vazio, logo, não pode ter iniciativa própria.
- q *A reaprendizagem:* Desobedecer não é sinônimo de desacatar. O desacato fica por conta do nosso olhar. Desobedecer significa não seguir as

regras impostas; significa ousar, quebrar uma lógica; fazer diferente. A punição freqüente de toda e qualquer desobediência impede o desenvolvimento de uma das atitudes mais essenciais para a aprendizagem nesse novo século: quebrar paradigmas, ousar, reconfigurar. É, no mínimo, contraditório termos que educar para a mudança, para a reconfiguração constante, reprimindo permanentemente a ousadia.

*Só se ensina seguindo-se a fórmula: Início – Meio – Fim*

- q *O hábito:* Os alunos, às vezes, nos dão sinais de que já refletem a cerca de um fato; de que já possuem informações e formam algum juízo sobre uma determinada realidade. Esses sinais, no entanto, nem sempre são captados por nós professores, que insistimos em ignorá-los e “dar o conteúdo” seguindo a nossa tão conhecida fórmula: *introdução – desenvolvimento – conclusão – fixação – avaliação*. Esse hábito, muitas vezes, provoca uma sensação de desrespeito no aluno. Tudo o que ele traz não serve pra nada. Nós repetimos, dentro de uma lógica pré-estabelecida, o conhecimento pronto do início ao fim. Nos falta habilidade de começarmos pelo meio, ou quem sabe pelo fim e assessorar o aluno pra que ele construa o início-meio-fim a sua maneira.
- q *A crença:* O aluno pode fazer algum comentário sobre o assunto, mas não sabe, ao certo, do que está falando. O conhecimento, para todos, possui uma mesma estrutura, predefinida. Não seguir a estrutura “lógica” do conhecimento impede o aluno de aprender. O aluno é incapaz de organizar o conhecimento por si só. É preciso que eu, professor, organize para ele.
- q *A reaprendizagem:* Os alunos, muitas vezes, estão melhor informados do que imaginamos. Eles, em geral, têm mais tempo para interagir com a mídia, que está cada vez mais didática. O conhecimento não possui uma estrutura uniforme. A estrutura do processo de conhecer assemelha-se mais ao caos do que à lógica positivista. Dessa forma, o processo de aprendizagem individual não segue, necessariamente, uma estrutura lógica. O aluno pode e deve organizar o seu próprio conhecimento. Quando o professor organiza para ele, não permitindo que ele o faça, está dificultando o seu desenvolvimento. A aprendizagem é processo que ocorre independente da intenção de ensinar e, às vezes, para sorte de nossos alunos, apesar da nossa intenção de ensinar.



*Avaliação é instrumento de manutenção do poder*

- q *O hábito:* Dizemos que a atividade será objeto de avaliação da aprendizagem como forma de imposição da nossa vontade. Fazemos essa declaração em forma de ameaça ou de vingança, quase que profetizando que os alunos terão dificuldades. Temos o hábito de usar a avaliação como instrumento de manutenção de nosso poder, na maioria das vezes apostando no fracasso dos alunos.
- q *A crença:* Se não submetemos os alunos à tensão de uma avaliação, eles não dão o valor merecido ao processo de aprendizagem. Professor só é respeitado pelo seu poder de julgar, avaliar e atribuir notas. No fundo, o que importa é a nota.
- q *A reaprendizagem:* Aprender é ato que precisa ser motivado. A aprendizagem é tão mais significativa, quanto maior motivo interno ela possui. O desafio é fazer nascer esse motivo dentro do aluno e não criá-lo fora dele. Aprender para tirar boa nota é motivo que se extingue ao se obter a nota requisitada e, na maioria das vezes, termina também aí o sentido do que foi aprendido. O professor conquista o real respeito dos alunos, quando consegue levá-los a manter vivos os seus motivos para aprender.

*Indisciplina é sempre falta de respeito.*

- q *O hábito:* Aluno, grupos de alunos ou turmas indisciplinadas são sempre encaradas como “rebeldes sem causa”. Não se justifica nós, professores, estarmos ali, empenhados em ensinar e os alunos não estarem interessados no que temos a dizer ou a propor. A falta de interesse em aprender é sempre um ato indisciplinar que desrespeita, a priori, a figura do professor.
- q *A crença:* Indisciplina é sempre sinal de desinteresse infundado. Os alunos têm que estar sempre dispostos a aprender o que temos para ensinar, independente do método que usamos, da linguagem que utilizemos ou da motivação que apresentemos. Indisciplina é, sempre, falta de respeito.
- q *A reaprendizagem:* Indisciplina, geralmente, é sinal de desinteresse, sim. A questão é que nós, professores somos parte inseparável desse processo. Precisamos estudar a melhor maneira para que os alunos (ou pelo menos a maioria deles) se interessem por aprender. O aluno não tem a obrigação de estar naturalmente disposto a aprender. Precisamos considerar o nível de



interesse do aluno ao planejarmos uma aula. Precisamos “ouvir” a indisciplina como um sinal de que a aula não vai bem e partirmos daí para criarmos uma cumplicidade com os alunos e mudarmos o rumo das coisas. Indisciplina, às vezes, é sinal de que estamos precisando mudar.

Por um professor que “ não sabe” .

Nós, professores, vimos, ao longo do tempo, baseando nossas ações em crenças rígidas, criadas ao longo da história e mantidas por nossa insegurança de mudar. Estamos diante da *Era da Incerteza*, com a função de prepararmos nossos alunos para a mudança e nos mantemos ainda arraigados à existência de verdades absolutas, de posturas inflexíveis e fundamentados em um modelo comportamental de aprendizagem. Sabemos que o melhor caminho para a mudança de hábitos é a mudança de crenças e mudar crenças é um processo doloroso, que, às vezes, parece nos tirar o chão. Precisamos construir novo chão. Um chão que esteja dentro de nós, para que possamos pisá-lo por inteiro. Não há mais chão que seja seguro todo o tempo. Qualquer chão é acidentado, exige que fiquemos atentos a cada metro quadrado. Não há mais lugar para certezas absolutas. Precisamos ensinar as verdades relativas. Precisamos ensinar flexibilidade, convívio em grupo, habilidades de relação, ousadia, quebra de lógicas, prontidão para mudar. Como ensinarmos isso sem sermos isso ? Como favorecer essa aprendizagem instrumental, usando instrumentos que não mais funcionam ?

Para que possamos implementar de fato o “aprender a aprender” precisamos aprender a “desaprender” nosso modelo de ensinar. E não esqueçamos; desaprender e reaprender são tarefas que só têm êxito, quando aliamos nossa inteligência e nossa vontade, a serviço de nossa autodeterminação.

Bibliografia:

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. RJ. Editora Ática, 1995.

BERNARDO, Gustavo. *Educação pelo argumento*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

FONSECA, Vitor da. *Aprender a aprender*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MOREIRA, Marco Antônio. *Aprendizagem significativa*. Brasília: Ed. UNB, 1999.